

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO COMO PERIFERIA: CONDIÇÃO PERIFÉRICA E A CONTRADIÇÃO DO CAPITAL

Thiago Canettieri

UFMG

thiago.canettieri@gmail.com

RESUMO: O presente artigo busca sugerir uma interpretação para a realidade contemporânea a partir da ideia de *condição periférica*. O autor argumenta no sentido de sugerir que ocorre no mundo hoje uma expansão da forma-periferia que se desdobra das contradições interna do capital. Essa situação implica uma mudança na forma da produção do espaço e na experiência do tempo que passa a ser marcada pelo signo da periferia e, assim, esta passa a indicar o futuro do mundo.

Palavras-chave: devir-periferia do mundo; condição periférica; contradições do capital

GT – 07: Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica

1 INTRODUÇÃO

Em 2001 o arquiteto Rem Koolhaas (2001), olhando para a capital da Nigéria, a Cidade de Lagos, e um tanto quanto intrigado pela sobrevivência dos pobres naquela situação e a inventividade que estava mobilizada por aqueles pobres diabos que viviam numa cidade-favela, disse: Lagos é o paradigma do futuro para as cidades de todo o mundo. Claro que Koolhaas não olhava para uma perspectiva crítica do que poderia significar esse diagnóstico. No já conhecido artigo *Slumdog cities*, de Ananya Roy (2017, pp.10-11), aparece uma crítica à Koolhaas já que ele se apaixona pela “inventividade de seus moradores enquanto eles sobrevivem à labuta da megacidade. Ele vê tais respostas experimentais como criadoras de sistemas alternativos críticos engenhosos, um tipo de auto-organização criando intensas zonas emancipatórias”.

Koolhaas está certo em sugerir que o futuro de todo o mundo é a cidade de Lagos. Entretanto, não pelos motivos que ele esperava se tratar.

Aqui pretendo sugerir que o *modelo* das cidades tende a se tornar, cada vez mais, as áreas faveladas do mundo. Irei argumentar aqui que há uma tendência de que a produção do espaço nas cidades assumam uma forma-periferia – periferia no sentido tal qual entendido no Brasil -, como áreas degradadas, com construções precárias, pouco acesso à serviços públicos, com a constante presença do desemprego e, por consequência, das formas, também precárias de viração, com altos índices de violência. A essa nova condição danificada e supérflua, à sua institucionalização enquanto padrão de produção do espaço e à sua generalização para todas as cidades do mundo, chamo de *devir-periferia do mundo*¹.

Essa intuição que pretendo desenvolver aqui serve para sugerir uma interpretação para o momento presente capaz de integrar dentro do quadro analítico legado pela *crítica da economia política* de Karl Marx o momento contemporâneo.

O texto segue da seguinte maneira: primeiro irei apresentar, de maneira breve e muito rapidamente, diferentes diagnósticos sobre essa tendência à periferização que vem sendo produzidos desde o começo da segunda década do século XXI. Em seguida, apresento, algumas interpretações desenvolvidas desde o pensamento crítico brasileiro sobre as periferias que, como penso, ajudam a entender as transformações recentes que se passa na sociedade. Este ponto leva à um terceiro, que tal forma de produção do espaço implica, também, uma alteração na perspectiva de experiência

¹ Aqui, a referência é o trabalho de Achille Mbembe (2019, p.20): A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo*.

do tempo. Na sequência, sugiro uma interpretação deste fenômeno a partir da *crítica da economia* de Marx e da forma como Henri Lefebvre leu as transformações na segunda metade do século XXI.

2 O DEVIR-PERIFERIA DO MUNDO: A PERIFERIA COMO CRITÉRIO DO UNIVERSAL

Houve um tempo em que se esperava que o sentido da difusão do critério do que seria o universal partisse dos assim chamados centros em direção as periferias. Foi nessa perspectiva que se assentou a justificativa ideológica para a história da colonização, que atribuiu aos países centrais, as metrópoles, a *missão civilizatória*. Esse foi parte do movimento da modernidade.

Entretanto, parece ter acontecido, em um determinado momento, uma mudança dessa *geografia histórica da modernidade*. O sinal deste impulso civilizatório parece ter trocado de sinal. Não são as periferias que estão *atrasadas*, sempre correndo atrás da história. Ao contrário: são as periferias que não só primeiro experimentam os processos sociais, mas indicam o futuro de todo o mundo.

É, portanto, nas periferias que estão expostas com maior evidência as raízes da reprodução do capital – mais do que no próprio centro. Com o desenrolar de suas contradições, o capital – que durante muito tempo aparecia como ondas irradiando dos centros – apresenta hoje uma inflexão de sua planetarização e a consolidação do mercado mundial, não podendo a imagem do futuro ser outra, exceto a da periferia que aperta o mundo como um cerco cada vez mais avançado.

Há um romance, pouco conhecido no Brasil, que é indicativo deste processo. *The good life elsewhere*, do moldávio Vladimir Lorchenkov (2003), conta a história ficcional de um grupo de conterrâneos do autor tentando emigrar para a Europa ocidental. A situação onde moravam, de precariedade, ausência de serviços públicos, desemprego, característica deste pequeno país da periferia imediata da Europa, forçou a este grupo a emigrar. Mas as situações do grupo são muito adversas: Lorchenkov narra várias maneiras improvisadas que seus personagens tentam fazer para fugir para o centro. A história se segue com a persistência destes personagens para alcançar seu objetivo. Entretanto, o grupo se divide em um determinado momento. Uma das partes consegue chegar na Itália, onde esperavam encontrar, neste *outro lugar*, uma *boa vida*, enquanto que a outra parte do grupo acaba retornando a Moldávia. Há, no final desta desventura, uma inversão: aqueles que chegam na Itália pensam que ainda estão na Moldávia. Os que voltaram para a terra natal acreditam que chegaram na Itália. O que o livro de Lorchenkov demonstra não é exatamente um processo em que parece estar sendo produzido uma *indistinção* entre centro e periferia. Claro, não no sentido, da superação da forma periferia, mas de sua generalização.

É isso que está em questão quando Hans Magnus Enzensberger (2003) faz um recorte de manchetes de jornais que descrevem situações catastróficas de países do terceiro mundo, reportagens que, como se sabe, as podemos ler todos os dias. Entretanto, o ensaísta alemão arma uma arapuca para seu leitor: “Só os nomes dos lugares é que estão alterados. Na verdade, os cenários onde ocorrem não são Luanda e Colômbia, Monróvia e Sri Lanka, e sim, Roma, Frankfurt, Berlim e Atenas.

Mas este processo não é apenas invenção da criativa mente de Vladimir Lorchenkov ou resultado de um pessimismo catastrofista de Enzensberger (2003). A situação que se enfrenta já não pode ser evitada nem pela mídia tradicional que dá os nomes verdadeiros das cidades: já se vê o aumento gritante da pobreza nos Estados Unidos que resulta na explosão daqueles *homeless*², o retorno imprevisto de cortiços com padrão de habitabilidade da época vitoriana no coração de Londres³, o surgimento de acampamentos precários ao longo do rio Sena, em Paris⁴, na Noruega o número de crianças em situação de pobreza não para de crescer⁵, quase a metade dos trabalhadores no Canadá estão em trabalhos precarizados (as mulheres em condição de trabalho precário já alcança 60%)⁶, na Alemanha, sobretudo em Berlim, tem aumentado o número de despejos por conta da impossibilidade dos inquilinos de pagar os alugueis⁷.

Há vários diagnósticos elaborado por autores de correntes teóricas diferentes que, parece-me, podem ser interpretados como indicativos para essa tendência de *periferização* do mundo, mesmo que não abordem o problema com essas palavras. Por exemplo, o mais recente deles, foi um texto de Slavoj Žižek (2019) sobre a crise migratória vivenciada pela Europa. Neste texto ele sugere que a principal contradição do capitalismo globalizado contemporâneo não é necessariamente entre a classe dos detentores dos meios de produção e a classe dos trabalhadores, mas entre aqueles que *ainda* estão protegidos na redoma de um mundo “civilizado” e aqueles que estão excluídos dela, reduzidos a uma vida nua. O problema, vê o filósofo esloveno, é que quando os excluídos entram nessa redoma do mundo “civilizado”, o último deixa de existir – evidentemente que os imigrantes não são a causa de se atrapalhar o desenvolvimento de uma civilidade, mas o ponto que interessa

² Cf. Reportagem no jornal The Guardian, do dia 31 de Maio de 2017: Human tragedy: homelessness jumps to record-breaking level.

³ Cf. Reportagem no jornal The Guardian, do dia 16 de Janeiro de 2018: The victorian slums are back.

⁴ Cf. Reportagem no jornal Le Monde, de 19 de Outubro de 2017: Ces 570 bidonvilles que la France ne veut pas voir.

⁵ Cf. Reportagem no jornal Norway in English, de 26 de Junho de 2017: Child Poverty on the rise in Norway.

⁶ Cf. Reportagem no jornal Huffpost, de 27 de Fevereiro de 2019: More than 1 in 4 Canadian professions are in precarious jobs

⁷ Cf. Reportagem no jornal The Local, de 20 de Setembro de 2018: Rising rents and evictions: Germany’s housing crisis.

a Žižek é que eles carregam o antagonismo social para dentro da redoma e, assim, a implodem. Este argumento é muito semelhante o que Herbert Böttcher (2018) na avaliação do ano de 2017 da revista alemã *Exit!*: ele tem percebido que, ano após ano, tem chamado atenção para a expansão da pobreza e da insegurança social em seu país, a Alemanha, e nos seus vizinhos, explodindo com a crise dos refugiados⁸. O filósofo camaronês Achilles Mbembe (2019 [2013]) observando a situação do capitalismo contemporâneo de corte neoliberal e totalitário, vê a formação de uma condição específica, marcada pela descartabilidade que não apenas é institucionalizada como padrão de vida, mas generalizada para o mundo inteiro: essa condição é a do Negro, que vive nas periferias do mundo e que se torna o futuro de todos no mundo. Comaroff e Comaroff (2012) deixam claro a perspectiva que pretendem abordar no título do artigo que publicaram *How Euro-America is evolving toward Africa*. Os autores percebem que os antigos enclaves do centro já se parecem cada vez mais com o *Terceiro Mundo*. Por fim, o primeiro que tenho notícia de ter tocado no assunto foi Paulo Arantes (2004) no arguto ensaio *A fratura brasileira do mundo*, em que desenvolve a hipótese de uma *brasilianização da sociedade capitalista*. O poço das polaridades sociais no capitalismo contemporâneo se aprofunda de tal maneira que se assemelha à organização social de países periféricos, sobretudo, do Brasil – uma das nações mais desiguais.

A periferia se torna o critério para o universal decadente da modernidade. A precariedade avança, a violência avança, o desemprego avança. Em suma, a condição periférica avança: “cet état d'urgence s'étendait de la périphérie vers le centre” (ARANTES, 2019, s.p.). Não é ilustrativo desse processo o caso de Detroit? O próprio espírito do fordismo parecia emergir da cidade que foi o berço das maiores montadoras de carros de todo o mundo: Chrysler, Ford e GM. Depois dos rearranjos na composição orgânica e dos efeitos da globalização, as empresas – que nada têm de compromisso com o lugar – não hesitaram em abandonar a cidade, deixando-a entrar em pleno colapso. Nos últimos trinta anos, formaram-se massas de desempregados e *homeless* – um em cada três moradores vive abaixo da linha de pobreza. São mais de 40 mil casas, edifícios e terrenos abandonados. Desde 2012, Detroit é o município com mais de 200 mil habitantes mais violento dos Estados Unidos. O fenômeno é este, sintetizado nas palavras de Paulo Arantes (2019, s.p.): “le centre organique du système, qui a également commencé à se périphériser avec l'implosion continue de la société de travail [...]”. Aumento do desemprego e da população sem teto, serviços

⁸ Valeria, junto de Robert Kurz (2016 [2003]) pensar uma “tipologia” para estes refugiados: i) refugiados da pobreza; ii) refugiados de catástrofe; iii) refugiados do desenvolvimento. Para o autor, todos os três tipos possuem um fundamento: a contradição da forma do valor que leva a escandalosa disparidade de riqueza e degradação do mundo, tendo, por consequência o terror econômico.

públicos privatizados, uma reprodução da vida cotidiana precarizada com salários deprimidos (quando há) e outras estratégias de sobrevivência, além da violência sempre presente. Estas condições de vida estiveram sempre presentes na vida periférica.

3 FRATURA BRASILEIRA DO MUNDO: O QUE NOSSAS CIDADES INFORMAM SOBRE O FUTURO

Entre os dias 15 de Julho de 1955 e 1 de Janeiro de 1960, a favelada Carolina Maria de Jesus (2006) escreveu um diário. Neste diário estão registradas as dificuldades da mãe solteira, favelada, desempregada para sustentar sua família num ambiente de degradação. Ali já está registrado a viração que Carolina Maria tinha que se submeter, catar papelão, catar metal, trabalhar de lavadeira, de doméstica. Mesmo assim, são frequentes os relatos da fome perversa que abatia sobre sua humilde residência e seus vizinhos. Os sonhos eram, sistematicamente, frustrados:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 2006, p.84).

A dura realidade dos meandros da vida cotidiana dessa trabalhadora foram registrados em toda sua crueza nas páginas dos seus diários. Mas mesmo depois de mais de 60 anos dessas palavras, essa situação ainda insiste em se repetir. A melhora da qualidade de vida que boa parte da classe trabalhadora alcançou parece não ter sido definitiva e corre o risco de retornar as condições de mais de meio século atrás.

Seria preciso então remeter a uma tradição dos estudos urbanos críticos que se desenvolveu desde o Brasil. Valendo-se dos escritos de Marx, um grupo de intelectuais, sobretudo, sediados em São Paulo, se preocuparam em compreender e explicar a forma de expressão que o processo de acumulação implicava nas cidades⁹. Entre vários intelectuais brasileiros, cito, sobretudo três que são, a meu ver, fundamentais: Francisco de Oliveira (2003), Lúcio Kowarick (1980) e Ermínia Maricato (1996). Estes, para lidar com os problemas que estavam as voltas, foram obrigados a tratar da produção do espaço, mesmo quando não se referenciavam diretamente em Lefebvre. As perguntas que assombravam nossos intelectuais periféricos ao olhar por qualquer janela eram: “Como explicar a industrialização dos baixos salários?” “Como explicar a expansão da favelização nas cidades?” “Como explicar a precariedade das moradias?” “Como explicar o emprego informal

⁹ Aqui, recorro ao completo estudo de Pedro Fiori Arantes (2009) que busca refletir sobre o pensamento marxista feito por intelectuais de São Paulo que permitiu desenvolver uma teoria própria e robusta o suficiente para continuar sendo, ainda hoje, necessária para a compreensão das cidades.

e precarizado?” De uma certa maneira, o ponto de observação periférico deu uma *vantagem epistêmica* para a compreensão do capitalismo¹⁰.

Eles veem a precariedade da produção do espaço numa situação periférica. Estes autores perceberam o *pulo do gato* que pavimentou o calçamento desses países rumo à globalização capitalista: a força de trabalho nos países periféricos estaria sujeita a expedientes de superexploração da força de trabalho. Essa superexploração, por sua vez, implicava em estratégias de produção do espaço, tanto do poder do capital, quanto da sobrevivência dos trabalhadores que estava determinavam as formas que o tecido urbano assumia. Desta maneira, as pistas que estes autores seguem e que se desdobra em uma teoria crítica do urbano foram descobertas quando passaram a considera a cidade e sua produção como parte decisiva da produção e reprodução do capital.

Neste sentido, vale estabelecer destaque para o que diz Pedro Fiori Arantes (2009, p.104):

Como a reprodução da força de trabalho é um fenômeno que se dá no espaço, sua condição precarizada gerava reciprocamente uma urbanização *sui generis*. As definições de “periferia, “espoliação urbana” e da “autoconstrução da moradia” foram fundamentais para aclimatar os conceitos da sociologia francesa a essa situação particular.

O processo de urbanização no Brasil, acontece pela expansão das periferias. Na medida em que ocorre a concentração da riqueza em determinadas áreas das cidades, acontece, *pari passu*, o derramamento da pobreza sobre o território circunvizinho, em geral, caracterizado pela deteriorização social e econômica daqueles que ali vivem.

Francisco de Oliveira (2003, p.32), no seu seminal *Crítica da razão dualista*, desenvolve o argumento que a industrialização e a entrada brasileira no *mercado mundial* do capital se deu por meio de “uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado moderno cresce e se alimenta do atrasado”. Assim, não faria sentido, aos olhos atentos de Chico, pensar num processo de modernização que superasse o atrasado; tampouco faria parte de seu diagnóstico a interpretação de que o arcaico era a trava do desenvolvimento. Ambos estavam conectados nesta dialética da dependência. Portanto, fazia parte do desenvolvimento econômico e da integração à globalização do Brasil a manutenção da precariedade. Neste sentido, Lúcio Kowarick (1980) via um processo de dilapidação da força de trabalho, tanto causa como efeito, do processo de desenvolvimento econômico. Somavam-se extorsões que se operam através da inexistência de serviços de consumo coletivo ou na própria precariedade da reprodução da vida

¹⁰ Nota-se o que diz Francisco de Oliveira (2003, p.116): “O marxismo, dispondo do mais formidável arsenal de crítica à economia clássica, tem uma teoria do desenvolvimento capitalista na própria teoria da acumulação de capital, mas falhou em especificar-lhes as formas históricas concretas, sobretudo em relação à periferia”

que permitem aumentar a exploração da força de trabalho. Tais eram as condições de uma *industrialização dos baixos salários*. A solução *ala periférica*: de forma homóloga, acontece a *urbanização dos baixos salários* (MARICATO, 1996): marcada pela autoconstrução da casa, feita em mutirões fora do período do trabalho e pela ocupação irregular da terra.

Dito isso, seria possível dar sequência ao argumento para pensar que as periferias formam uma rede de mediações, tanto materiais, como subjetivas, que sustentam a vida cotidiana dentro das determinações do capital. Talvez a especificidade da periferia produz uma experiência único de despossessão, no sentido mais forte e direto da palavra.

Isso porque os indivíduos que residem nas periferias estão sujeitos a toda sorte de extorsão: vivem numa desigual barganha pelo emprego que termina tendo que se haver com trabalhos informais e precários, entre bicos e virações de todo tipo, a certeza é uma vida assombrada pelo fantasma da falta de emprego (ABILIO, 2018). Aqueles que são empregados formalmente, mesmo com a baixa remuneração e a alta carga de trabalho (ANTUNES, 2018), passam por longos e penosos deslocamentos devido a distância de suas moradias de onde estão os postos de trabalho (LAGO, 2009).

Além disso, é preciso ter em conta outras dimensões da vida cotidiana na periferia que revela a precariedade constitutiva e necessária da forma de manifestação periférica do capital: a vida dessa população é marcada pela insegurança alimentar (PEREIRA; SANTOS, 2008), aumento do consumo de drogas ilícitas (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002), uma medicalização psicotrópica em excesso (MENDONÇA, 2009), o aumento do endividamento dos indivíduos e das famílias¹¹ (SANTOS, 2014), além da espiral de violência que os periféricos estão sujeitos¹² – alvos das guerras entre o tráfico, as milícias e as “forças de segurança” (MENEGAT, 2019) e da gestão punitiva-carcerária (WACQUANT, 2007 [2000]).

Para sobreviver é necessário lançar mão de várias estratégias¹³: ocupar terrenos para fugir dos aluguéis, selecionar os gastos meticulosamente entre remédio, reparo na habitação ou carne na alimentação, fazer uma verdadeira *via sacra* pelos supermercados para aproveitar diferentes

¹¹ Segundo dados da pesquisa Serasa, de 2015, quase 50% das famílias periféricas estão endividadas.

¹² A separação racial das taxas de homicídio é enorme. Os brancos têm morrido menos. Os negros, mais. Entre 2002 e 2012, por exemplo, o número de homicídios de jovens brancos caiu 32,3% e dos jovens negros aumentou 32,5%.

¹³ Aqui, seria impossível deixar de remeter, sobre este assunto, o trabalho de peso organizado por Cabanes, Georges, Rizek e Telles (2011).

promoções¹⁴. Se Christophe Dejours (1998) estava convencido de ter descoberto a intensificação do sofrimento social *no* e *pelo* trabalho, na periferia do capitalismo a dimensão do sofrimento guarda relação com a própria reprodução da vida.

4 PERIFERIAS E O FECHAMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Em um determinado momento do clássico de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, o sertanejo observa atentamente, depois de meses de expectativa ansiosa, o horizonte neste dia de São José. Este dia trás consigo o último augúrio. Este dia era, depois da espera paciente dos meses anteriores, o índice dos meses subsequentes:

Retrata-lhe, abreviadas em doze horas, todas as alternativas climáticas vindouras. Se durante este dia chove, será chuvoso o inverno. Se, ao contrário, o Sol atravessa abrasadoramente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças (CUNHA, 1982, p.60)

Pode-se imaginar a mente do sertanejo, ansioso com este dia. Ele iria definir a sua vida nos próximos meses. Mas, como a vida do sertanejo é dura como o solo da caatinga, Euclides retrata a aridez dessa quebra de expectativa: sem qualquer mediação, o parágrafo seguinte é mínimo: a seca é inevitável. Não havia mais nada para ser feito, a fatalidade já era incoercível e independe da vontade do sertanejo.

Há algo nessa passagem d’*Os Sertões* que serve para esclarecer algo sobre uma nova *experiência do tempo histórico*. No momento que o sertanejo percebe, com o avançar das horas no dia de São João, que não há chuva à vista, suas expectativas em relação ao futuro são jogadas na terra empoeirada e rachada. É o que Mark Fisher (2009) percebeu com o nome de *impotência reflexiva*. Em sua percepção, as gerações depois da década de 1970 estavam sujeitas a uma economia libidinal específica: os indivíduos sabem que as coisas estão indo mal, mas sabem muito bem que não podem fazer nada a respeito disso. Assim, essa reflexibilidade opera como uma espécie de “profecia auto realizadora” entrando em um círculo vicioso de frustração e desilusão.

Talvez quem melhor desenvolveu uma *filosofia da história* para captar esse momento tenha sido Paulo Arantes (2014) em seu livro *O novo tempo do mundo*. Se valendo da nomenclatura mobilizada por Reinhart Koselleck (2013) para entender a experiência do tempo na modernidade, Paulo Arantes identifica uma *nova era*. Explico: Koselleck utiliza a ideia de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativas* para estabelecer como se percebe o passado e o futuro. Essa relação propriamente pré-moderna, diz o historiador, era estabelecida por uma conexão direta: o espaço

¹⁴ Todos os exemplos foram retirados da reportagem de Felipe Souza para a BBC Brasil. Cf. Reportagem no jornal BBC Brasil, de 08 de agosto de 2017: “Você compra remédio ou comida: as escolhas das famílias que vivem com um salário mínimo em SP”.

de experiência informa diretamente o horizonte de expectativas. A experiência da modernidade, que nasce com o Iluminismo, muda radicalmente essa relação, pois incorpora profundamente a ideia de *progresso*. Com o progresso, o espaço de experiência não coincide com o horizonte de expectativas, este será sempre maior do que aquele. A curva da história seria ascendente, a humanidade teria altas expectativas pela frente. Mas o alarme de incêndio não passou despercebido de Walter Benjamin (1986) que, na Primeira Guerra Mundial, a guerra que o *mainstream* dizia ser a “guerra para acabar com todas as guerras”, já via danos causados na experiência. E em menos de duas décadas já se viu nas garras do fascismo. Mas ainda assim os ideólogos do progresso viam apenas desvios e que, inexoravelmente o futuro era de otimismo. Mas essa versão legitimadora do progresso teve que se haver com um fato que, segundo Paulo Arantes (2014, p.66) se tornou incontornável: “aviso aos navegantes: *end of dreams*, portanto. Ora, fazia algum tempo, [...], que o horizonte do mundo vinha encolhendo”. As promessas de desenvolvimento e progresso colocados pela ordem hegemônica do capital foi estrangulada por uma economia sitiada e deixa o mundo a ruir sobre a cabeça dos indivíduos que tentam sobreviver neste mundo transtornado. Assim, entra-se, com toda pompa e circunstância, numa *era das expectativas decrescentes*. O horizonte de expectativas agora está apenas alguns milímetros acima do mar de lama de um capitalismo em crise.

Vale notar que essa experiência de *expectativas decrescentes*, de certa forma, já estava inscrita nos corpos periféricos. Por exemplo, o trabalho da Lorena Freitas (2011, p.298) analisa o “fracasso em massa da educação da ralé brasileira” e descobre que entre os estudantes da periferia, em geral, há uma série de dificuldades, provenientes do tipo de socialização que experimentam cotidianamente, que os leva a uma descrença profunda com sua capacidade de aprendizado e, por consequência, com as expectativas de ascensão social.

A situação da periferia, sempre foi uma experiência de tempo interdita: ao mesmo tempo vivida como urgência e com o horizonte de expectativa encurtado. A curva, agora, é descendente e a *mobilização total da sociedade* é para uma gestão da barbárie.

5 ANAMORFOSES DA DOMINAÇÃO SOCIAL: DO TRABALHO AO PRECÁRIO

Como se chegou até este ponto? Aqui, parece-me, a relevância da *crítica da economia política* de Karl Marx é confirmada, muito embora precise de uma atualização. Da forma como leio a obra de Marx (2011; 2013), sobretudo os *Grundrisse* e *Das Kapital*, ancorado na arguta interpretação de Moishe Postone (2014), penso que a *crítica de Marx* é, *antes de mais nada, direcionadas as formas de objetividade e subjetividade historicamente determinadas produzidas por este fenômeno social*

que é o capital. Marx se interessa em descrever os meandros desta forma social como uma abstração real que foi criada pelos humanos como uma forma de interdependência dos indivíduos baseada na exploração e que domina os humanos por imperativos que lhe são externos. Trata-se, então, de colocar em relevo uma forma histórica de dominação social.

Na interpretação de Postone Marx haveria colocado que o terreno que a dominação social se realiza e efetiva no mundo do capital seria o *trabalho*. Assim, o trabalho estaria na esfera da dominação, sendo a outra face da moeda do poder abstrato do capital. Marx estaria sugerindo não uma *crítica do ponto de vista do trabalho*, mas uma crítica das formas sociais pressupostas para o funcionamento desta sociedade, à saber, mercadoria, valor e trabalho.

Assim, vale notar que o que Marx esta perseguindo ao longo de toda sua obra é uma *crítica social*. Se era a “economia política” que, naquele momento, detinha a pretensão de falar cientificamente sobre a sociedade – e não é por outro motivos que há, nestas obras, uma certa filosofia moral – Marx vai se valer destas categorias pois percebeu que eram elas, as categorias econômicas, que se tornaram formas de dominação (e não mais a religião como havia sido no passado. Desta maneira, há uma mobilização das categorias econômicas para a crítica de Marx pois, sem suas palavras, as categorias “expressam as formas de ser [*Daseinformen*] e as determinações de existência [*Existenzbestimmungen*]”.

Quando Marx, então, desenvolve este modo de pensar a dialética desta forma social, o capital, Marx percebe a contradição interna desta forma social.

Ora, se o trabalho é o próprio terreno da efetivação desta dominação social historicamente determinada, Marx havia percebido que a dominação social era coincidente com a esfera da produção das coisas. Ele haveria percebido como o lucro, a forma de riqueza material apropriada pelo detentor dos meios de produção, era um desdobramento de uma forma *abstrata* de riqueza, o valor que corresponderia ao tempo de trabalho excedente. nas primeiras horas de um dia de trabalho, produzem o equivalente para sua reprodução. Entretanto, por determinações alheias a eles próprios – o contrato e o direito, por exemplo –, seu contrato obriga-os a trabalhar por mais tempo, eis o tempo de trabalho excedente.

Mas, Marx vai mais longe, e vai levando desdobrando esse processo sobre ele mesmo a fim de escavar a determinação lógica que a subjaz. Ao fazer isso, o alemão vai descrevendo a tendência ensandecida da acumulação de acumular mais, *em nome de*, mais acumular. Marx (2011), nos seus rascunhos de nove anos antes de publicar o capital, já sabia da tendência “sempre expansível do

capital”. Tautologia bruta e cega que movimentava esse *sujeito automático* ao organizar todo o nexo social.

Ora, mas como alcançar tal objetivo redundante no mundo concreto? Marx descreve duas formas que possuem consequências derradeiramente diferentes. A primeira se refere ao *mais-valor absoluto*. Ele é simplesmente o aumento do tempo excedente do dispêndio de força de trabalho, seja reduzindo o custo da força de trabalho, seja aumentando o expediente. Entretanto, essa “estratégia” é limitada pela luta de classes – a organização dos trabalhadores, ao longo da história, se opôs a redução dos salários e ao aumento do expediente. Mesmo que essa prerrogativa não fosse verdadeira, seria impossível aumentar o *mais-valor absoluto* para além das vinte e quatro horas de um dia – isso se fosse possível uma produção direta ao longo de todo o dia, sabemos que o ser humano ainda precisa de tempo de descanso e de satisfazer determinadas fisiológicas – ainda.

Para contornar, não sem contradições, tal situação outro estrategema foi lançado mão. Marx chamou-o de *mais-valia relativa*. Isso, porque, o ganho de aumento do mais-valor não vem diretamente pelo tempo excedente do trabalhador dispendido, mas de um aumento de produtividade. O aumento de produtividade faz com que o trabalhador produza mais mercadorias no mesmo tempo, o que reduz a massa de valor mobilizada em cada mercadoria individualmente, mas que, pelo volume da produção, é compensada.

Aí está a forma pela qual acontece a verdadeira universalização do capital: existiria, portanto, uma tendência interna ao desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, da progressiva automação do processo de produção. Pressionados pela lei coercitiva da concorrência entre os capitais individuais que se digladiam pela sobrevivência, o investimento no ganho de produtividade é inevitável. Aqui fica evidente a contradição do movimento do capital. Nas palavras do próprio Marx (2011, pp.942-943):

O próprio capital é a contradição em processo, [pelo fato] de que procura reduzir o tempo de trabalho a um mínimo, ao mesmo tempo que, por outro lado, põe o tempo de trabalho como única medida e fonte da riqueza.

Essa tendência de automação Marx denominou como o processo secular de aumento da composição orgânica, em que os capitais individuais passam a ter um gasto cada vez menor com o trabalho vivo. Como uma parte cada vez menor do capital é despendida na mobilização de trabalho humano, o capital absorve sempre uma quantidade menor de valor em proporção a sua grandeza. Com o desenvolvimento das forças produtivas e a composição orgânica do capital nos termos apresentados, cada vez mais elevados – ou seja, uma proporção cada vez maior de meios de produção e, conseqüentemente, menor de trabalho vivo. A consequência só pode ser uma: a

expansão do desemprego (BENANAV, 2010; KURZ, 2018; 2014). Por isso é que Fredric Jameson (2011) diz que *O Capital* é um livro, antes de mais nada, sobre o desemprego.

Assim, na medida em que já estaria inscrito nessa forma social contraditória o derretimento da sociedade salarial estaríamos às voltas com o fenecimento da forma historicamente determinada de dominação social, o trabalho. O trabalho, que sai de cena como forma de dominação, teve que ser substituído. Agora, como sugiro, trata-se de uma dominação social pela precariedade.

Num mundo *sem trabalho*, o *trabalho sujo* fica sendo executado no que conhecemos com a forma da periferia. Alias, o trabalho sempre foi escasso nestas localidades precárias. O que, a meu ver, parece indicar o futuro de todo o mundo uma vez que o trabalho, tendencialmente, tende a desaparecer.

A forma-periferia já estaria inscrita no coração do capital. Mas apenas não foi completamente desenvolvida. Foi somente com a quarta revolução industrial, da robótica e da microeletrônica, da programação e automação, que a dissolução desta forma social se revelou completamente, muito embora já fosse informada pela vida cotidiana das periferias.

Desta forma, alcança-se todo o desdobramento que a afirmação de Rem Koolhaas possa ter: as periferias são o futuro do mundo. E isso não é necessariamente uma coisa boa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão que melhor traduz – não apenas teoricamente, mas também enquanto metáfora – é a de Robert Kurz (1993). Este cenário não é outra coisa senão um *Colapso da Modernização*. A modernização, enquanto processo de realização da modernidade e seus ideais, entrou em debacle junto com a crise e dissolução das formas sociais. O interessante a se notar é que este colapso, o da modernidade, já estava inscrito na vida periférica desde de sempre. Na verdade, a interdição na modernidade na periferia foi condição para o desenvolvimento das formas sociais do capital. Mas em sua baila contraditória, esse modo-de-vida já colapsado da periferia não é mais sua exclusividade. Agora se estende também sobre o centro. Essa *condição periférica que se alastra* é, então resultado do desdobramento das contradições do capital.

No momento em que essa nova forma se desenvolve, a forma-periférica, que nasce e progride da dissolução das formas-anteriores, obriga um rearranjo do capital e suas formas de dominação. Como visto anteriormente, se o trabalho foi durante muito tempo o terreno que se efetivava a dominação social do capital através do tempo, conforme argumenta Postone, na medida em que este princípio social sai de cena por conta dos rearranjos técnicos na esfera da produção outra

forma de dominação é colocada como princípio de mediação social: uma dominação pela precariedade da vida na forma-periferia.

A forma-valor, como visto, determina diretamente uma fração cada vez menor do corpo social, uma vez que o emprego se torna escasso. Entretanto, continua determinando de maneira indireta uma série de “violências extra econômicas” que atuam como formas de dominação destas populações periféricas. A expressão “violências extra econômicas” vem de Marx (2013) ao tratar, no famoso capítulo XXIV, *A assim chamada acumulação primitiva*, para designar o nascedouro do mundo do trabalho através dos expedientes violentos que levou os indivíduos a “se submeterem por meio de leis grotescas e terroristas, e por força do açoite, ferro em brasa e torturas, a uma disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado” (MARX, 2013, p.808). Agora, o ressurgimento destes expedientes está sendo empregado para controlar as comportas do aterro sanitário social de um mundo em que o trabalho se torna diminuto.

Os indivíduos são tornados supérfluos para a dinâmica da produção, que se automatiza cada vez mais. A acumulação, sob a forma mais fetichista e exteriorizada, o capital fictício, continua de maneira espetacular e fantasmagórica. Mas tal superfluidade dos indivíduos para a produção automática e acumulação espetacular não abole o exercício do poder soberano do capital. Cria-se uma forma de submissão ilimitada às formas fetichistas desta sociedade que, paradoxalmente, se realiza no momento em que estas formas estão em crise. Disso se resulta a explosão de um sem-número de diferentes formas de dominação violenta e direta dos indivíduos, o que não configura mero acidente deplorável, mas uma necessidade estrutural do capitalismo atual. Afinal, no mundo das mercadorias, se as relações entre as pessoas assumem a aparência de relação entre coisas, é porque as próprias pessoas foram reificadas diante das abstrações reais do capital. Há então um descolamento entre a esfera da dominação social e da acumulação. Na medida em que a acumulação acontece por outras vias que se tornam independentes e autônomas em relação ao trabalho, espetaculares e fictícias vale se dizer, a dominação social se realiza pela *condição periférica*. Ou seja, a condição periférica corresponde também – em adição a características anteriores – uma forma de subterfúgio para a sobrevivência do capital.

Esse desdobramento advém da quarta revolução industrial que agudiza um cenário de elevação da composição orgânica e aumento do desemprego já intuído de Marx. O resultado disso é que a reprodução das relações sociais é dificultada. Nos países de centro, é claro, pois foi lá que se desenvolveu o apogeu da sociedade do trabalho. Portanto, naturalmente, o momento em que essa dissolução ocorre resta mais evidente onde estas formas estavam mais desenvolvidas. Por outro

lado, na periferia, essa *dissolução é experimentada como um eterno retorno*. Na vida social da periferia estas formas sociais nunca foram aderentes o suficiente, sempre foram danificadas e descompassadas.

Mas isso significa que a periferia se torna um prisma capaz de refletir o mundo, pois “[...] étant souvent un symptôme privilégié, si nous pouvons parler ainsi, de la crise aiguë que traverse le système capitaliste dans toutes ses dimensions” (ARANTES, 2019, s.p.). Cada vez mais estes *sintomas* aparecem de maneira generalizada por todo o corpo social porque há um *dever-periferia do mundo*.

Nesta formulação o conceito de condição periférica assume diferentes posições dentro do quadro analítico que quero sugerir, mas que não são excludentes. Ao contrário, cada uma dessas posições é complementar com outra. Assim, a ideia de condição periférica designa: i) o resultado das contradições do capital; ii) o subterfúgio necessário para a sobrevivência desta forma social em crise; iii) o núcleo contemporâneo do atual estágio de desenvolvimento do capital e; iv) expressa o futuro desta forma de mediação social que, a meu ver, se torna a violência.

7 REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização e viração: mulheres periféricas no centro da acumulação capitalista. **Margem Esquerda**, n.31, p.54-59, 2018.

ARANTES, P. A fratura brasileira do mundo. In: ARANTES, P. (Org.). **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad, 2003.

ARANTES, P. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARANTES, P. L'autre sens: une théorie critique à la périphérie du capitalisme. (Entrevista). **Revenue Variations**, n.22, 2019.

ARANTES, P. F. Em busca do urbano: marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970. **Novos Estudos**, n.83, p.103-128, 2009.

BENANAV, A. Misery and Debt: On the Logic and History of Surplus Populations and Surplus Capital. **Endnotes**, n.2, p. 21-39, 2010.

BENJAMIN, W. **Documento de cultura, documento de barbárie**. São Paulo: Edusp, 1986.

BÖTTCHER, H. Capacidade de acção – e em concreto. **Exit!**. 2018. Disponível em: http://www.obeco-online.org/herbert_bottcher2.htm Acessado em: 14 mar. 2019.

- CABANES, R.; GEORGES, I.; RIZEK, C.; TELLES, V. **Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Caderno de Pesquisas**, n.116, p.143-176, 2002.
- COMAROFF, J.; COMAROFF, J. Theory from the south: or how Euro-America is evolving toward Africa. **Anthropological Forum**, v.22, n.2, p.113-131, 2012.
- CUNHA, E. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- DEJOURS, C. **Souffrance en France: la banalization de l'injustice sociale**. Paris: Seuil, 1998.
- ENZENSBERGER, H. M. **Ziguezague: ensaios**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FISHER, M. **Realism capitalism: is there no alternative?** New York: Zero Books, 2009.
- FREITAS, L. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, J. (Org.). **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- JAMESON, F. **Representing Capital: a reading of volume one**. Nova York: Verso Books, 2011.
- JESUS, M. C. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2006.
- KOOLHAAS, R. **Lagos: How it works**, Nova York: Lars Müller Publishers, 2001.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- KOWARICK, L. **Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.
- KURZ, R. **A crise do valor de troca**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2018.
- KURZ, R. **Dinheiro sem valor: linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política**. Lisboa: Antígona, 2014.
- KURZ, R. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LAGO, L. Trabalho e moradia na periferia: para uma política urbana economicamente orientada. **Revista em Pauta**, v.6, n.24, p.31-47, 2009.
- LEFEBVRE, H. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- LORCHENKOV, V. **The good life elsewhere**. Nova York: New Vessel Press, 2003.
- MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo**. São Paulo: Hucitec/Série Estudos Urbanos, 1996.
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.



- MARX, K. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1, 2019.
- MENDONÇA, R. **A medicalização de conflitos: consume de ansiolíticos e antidepressivos em grupos populares**. Tese. (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2009.
- MENEGAT, M. **A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.
- OLIVEIRA, F. **Crítica da Razão Dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- POSTONE, M. **Tempo, trabalho e dominação social**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ROY, A. Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno. **e-metropolis**, n.31, ano 8, 2017, p. 6-21.
- SANTOS, K. Uma nova pobreza urbana? A financeirização do consumo na periferia de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.16, n.1, p.153-167, 2014.
- WACQUANT, L. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- ZIZEK, S. **A coragem da desesperança**. São Paulo: Zahar, 2019.